

## O impacto da comunicação na pedagogia contemporânea<sup>1</sup>

Fabiano da Silveira Alves FERREIRA<sup>2</sup>

Muniz Sodré CABRAL<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

Com os avanços das tecnologias da informação e a introdução dos meios de comunicação na pedagogia as duas áreas se aproximaram. Este artigo irá discorrer sobre essa associação e seus resultados. Num primeiro momento será analisado como esse vínculo deu origem a Educomunicação, uma forma de ensino-aprendizagem na qual a comunicação vem para auxiliar as práticas educativas. Para isso será feita uma revisão na bibliografia pertinente ao campo, apontando a tendência dos pensadores das áreas sobre o tema. Por fim, de forma a ilustrar a teoria, será apresentado um estudo de caso instrumental. Que partirá de uma pesquisa qualitativa envolvendo alunos e professores do curso de Medicina do UNIPAM, uma universidade do interior de Minas Gerais que aplica em suas aulas uma metodologia ativa alternativa a tradicional com um viés atrelado a comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; educação; pedagogia; metodologias ativas; educomunicação.

### INTRODUÇÃO

Atualmente vive-se um momento em que o modelo tradicional pedagógico aplicado na maioria das intuições de ensino não tem apresentado bons resultados para a sociedade brasileira. A evasão escolar tem aumentado assim como o desinteresse dos alunos pelo estudo<sup>4</sup>. Além disso as ameaças de cortes/contingenciamento de gastos para a educação<sup>5</sup>, especialmente no ensino superior, também se apresentam como mais um medo que pode piorar essa situação. Logo descobrir novas maneiras de reformular a educação é essencial, tanto no ensino básico, quanto no superior.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Recém-graduado do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da ECO-UFRJ, e-mail: [fabiano.silveira4@gmail.com](mailto:fabiano.silveira4@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor emérito da ECO-UFRJ, e-mail: [sodremuniz@hotmail.com](mailto:sodremuniz@hotmail.com)

<sup>4</sup> O desafio de manter jovens no ensino médio, principal obstáculo à universalização da educação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/06/20/o-desafio-de-manter-jovens-no-ensino-medio-principal-obstaculo-a-universalizacao-da-educacao.ghtml>>. Último acesso em: 19 de agosto 2020.

<sup>5</sup> Corte ou contingenciamento, quem está certo na guerra de narrativas da educação? Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/31/politica/1559334689\\_188552.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/31/politica/1559334689_188552.html)> Último acesso em: 17 de agosto de 2020.

---

Com essa necessidade novas metodologias vêm surgindo, e é nesse ponto que a comunicação se mostra como grande aliada da educação. Atualmente uma série de metodologias educacionais tem reservado parte de suas grades para aulas de comunicação ou utilizado de abordagens teóricas da área para dinamizar e obter melhores resultados em suas disciplinas. Ademais a utilização de novas tecnologias da comunicação em sala de aula já é uma realidade em algumas instituições mesmo no sistema tradicional. Sendo assim o presente artigo irá analisar a interação dos dois campos, como isso se deu e quais os resultados para os alunos na sala de aula. Primeiramente será feita uma revisão bibliográfica da teoria que compreende o assunto. E posteriormente, um estudo de caso para exemplificar como essa relação funciona na prática.

## **2. Rádio: Os primórdios do vínculo entre comunicação e educação**

Pode-se dizer que o rádio praticamente inaugurou a relação da comunicação e seus meios com o âmbito da pedagogia. Desde 1919<sup>6</sup>, quando chegou ao Brasil, até bem recentemente este meio foi responsável por vincular programas e assuntos que visassem uma educação de maneira informal (ainda que muitas vezes tratasse de assuntos formais) do cidadão brasileiro. Adilson Citelli (2010) explica como num cenário onde 80% da população era analfabeta utilizar o rádio para o viés da educação fazia total sentido. A tradição oral que se tinha na época casava perfeitamente com a ferramenta escolhida para fazer esse papel de educador das massas. Roquette-Pinto<sup>7</sup> e Anísio Teixeira<sup>8</sup> - que escreveu um dos primeiros textos sobre a ligação do rádio e a educação: “Rádio Educação” - foram os dois educadores que encontraram ali uma maneira de reverter essa situação da educação e letramento da população brasileira. Eles entendiam que para a situação do país melhorar num âmbito geral deveria se começar a mudança pela educação. E o rádio seria a melhor ferramenta para ajudar a reverter essa sensação de descaso do governo, e evacuação da população, para com a educação formal (CITELLI, 2010). No caso brasileiro, além dos problemas de escolaridade, a distância entre o campo e as cidades urbanas na época e a dimensão territorial fizeram com que o rádio e futuramente

---

<sup>6</sup> Pesquisadores estabelecem nova data de nascimento do rádio no Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/pesquisadores-estabelecem-nova-data-de-nascimento-do-radio-no-brasil>>. Último acesso em: 29 de outubro de 2020.

<sup>7</sup> Pesquisador, médico e educador que fundou a Rádio Sociedade no Rio de Janeiro, atual Rádio MEC, e escreveu inúmeros textos sobre o papel do rádio na educação.

<sup>8</sup> Figura importante para a democratização da educação no Brasil, foi o responsável pela implantação das escolas públicas no país.

---

a televisão se tornassem fontes quase únicas para boa parte população terem acesso à informação e ao entretenimento.

O rádio é a escola dos que não tem escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado<sup>9</sup>

De 1919 até os dias atuais a função do rádio como ferramenta educadora passou por inúmeras transformações. No final do século XX e início do XXI aumentou-se a discussão referente às interfaces comunicativas (especialmente com relação a comunicação de massa) na educação. Porém a noção de aula ou simplesmente a propagação de conteúdo caracteristicamente escolar no rádio foi praticamente abandonada. As emissoras comerciais começaram a se limitar a transmissão de curtos programas de prestação de serviços da sociedade, como de prevenção à doenças e cuidados com o meio ambiente. Enquanto as emissoras educativas apostaram em formatos com um aspecto mais cultural, como a abertura para estilos musicais diversificados acrescidos de informações sobre eles. Assim o elo entre educação e comunicação, para além do fenômeno do rádio, se intensificou devido a revolução tecnológica que se deu nos últimos anos e aos novos meios de comunicação que também começaram a ganhar espaço nos ambientes escolares.

### **3. A Educomunicação**

A escola tradicional funciona como qualquer outra instituição social. Um sistema com regras específicas que geralmente são herdadas de entidades que em algum momento histórico controlavam a hegemonia ideológica do pensamento que vigorava na sociedade. A igreja católica é o melhor exemplo disso (SODRÉ, 2012). No entanto com essas novas perspectivas e abordagens da educação, como a analisada neste artigo, esse modelo já não se sustenta tão bem. No início dos anos 2000 o educador Ismar de Oliveira Soares já apontava em seu texto “Educomunicação: um campo de mediações” que a educação tradicional estaria em crise. Em contrapartida a comunicação de massa estaria em alta na sociedade. Soares também dizia que a educação tradicional e essas novas formas de se comunicar se distanciam pelo tipo de discurso. Enquanto o primeiro é autoritário e

---

<sup>9</sup> Fala histórica de Roquette-Pinto sobre o papel do rádio na sociedade brasileira da época. Disponível em: <<http://www.consciencia.net/2004/arquivo/roquette-pinto.html>>. Último acesso 12 de setembro de 2019.

---

hierárquico, a comunicação é o contrário. É mais aberta, procura o inusitado e o novo, quebrando com conceitos pré-existentes nesse modelo educacional. De fato, hoje com as novas tecnologias, a liberdade da criação através desses novos aparatos e a possibilidade de adquirir conhecimento por meio de outras ferramentas fez com que esse modelo começasse a perder espaço nessa nova sociedade midiática. Logo uma reinvenção da educação se viu necessária para que a escola não perdesse seu status como local central de aprendizagem e socialização de jovens e crianças. Isso possibilitou o fortalecimento do elo entre a comunicação e a pedagogia. Surgindo então a educomunicação, uma maneira de reorganizar a aprendizagem com o objetivo de colocar a comunicação como o ponto central das relações envolvidas no âmbito educacional. Reformulando o modo que o processo educativo era conduzido nos ambientes escolares. Uma vez que essa transformação não se prestou somente a inserção de novos instrumentos tecnológicos na aprendizagem, mas afetou toda a estrutura das relações entre produção, consumo e distribuição do conhecimento (MARTÍN-BARBERO, 2014).

A educomunicação é uma corrente que visa a criação de ecossistemas comunicativos, tanto no espaço formal da educação quanto no espaço informal, objetivando qualificar a comunicação e os métodos educativos nesses locais. Além de desenvolver a capacidade crítica dos usuários dos meios de massa, aumentar a capacidade de expressão dos indivíduos e estimular o uso dos meios informativos nas práticas educativas (SOARES, 2002). Se antes se formava somente para a recepção de conteúdos, atualmente busca-se educar também contemplando a emissão de informações. Assim a melhor maneira de atingir tal objetivo é aplicando a comunicação desde o primeiro ambiente escolar. Desse modo essa “nova” maneira de ensinar e de adquirir conhecimento é totalmente estranha ao modelo que já se tem costume, visto que quebra com o autoritarismo associado anteriormente a figura do professor. O aluno se torna mais independente e com maior poder de fala na sala de aula. Em sua obra, Adilson Citelli (2004) também explica esse conceito emergente de educomunicação que vem sendo utilizado na América Latina desde os anos 1980 para relacionar especialmente a educação com os meios de comunicação.

A escola está sendo pensada, assim, como espaço mediativo cada vez mais cruzado pelas novas linguagens e pelas transformações científicas, tecnológicas, culturais e de comportamentos que marcam o mundo contemporâneo. (CITELLI, 2004, p. 83)

---

No Brasil, Ismar de Oliveira Soares desenvolveu um estudo pela primeira vez sobre o assunto na década de 90 juntamente ao Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP). Atualmente, Soares entende que a educomunicação se dá nas seguintes áreas de intervenção social:

- a) A educação para comunicação;
- b) A expressão comunicativa através da arte;
- c) A produção midiática a serviço da educação;
- d) A utilização das tecnologias comunicacionais nos processos de ensino-aprendizagem;
- e) A pedagogia da comunicação;
- f) A gestão da comunicação no espaço educativo;
- g) A reflexão epistemológica sobre a inter-relação dos dois campos como fenômeno social/cultural (SOARES, 2011).

Desse modo, percebe-se que para a escola as possibilidades de se aplicar a comunicação na educação se dá através de temas variados referentes aos impactos da comunicação na sociedade contemporânea. Para Citelli (2010) a comunicação neste contexto vai além da inovação tecnológica e é mais um componente do processo educacional. Tornando-se o ponto essencial desses métodos de ensino-aprendizagem e integrando qualquer processo educacional dentro de um ecossistema comunicativo.

O problema, que central não é, portanto, o de estreitar vínculos entre dinâmicas comunicativo-tecnológicas e as salas de aula, mas fazê-lo sob uma égide não instrumental – aquela que ao se encantar com as máquinas perde a dimensão dos significados sociais, culturais, históricos, nelas embutidos. Para tanto, a entrada na escola, por exemplo, do computador, precisa integrar-se, ao mesmo tempo, a projetos pedagógicos consistentes e a um tratamento desreificado dos próprios equipamentos, suportes, dispositivos a serem postos à disposição dos discentes. O lugar das tecnologias na escola – e mesmo para o chamado ensino a distância – deve ser aquele voltado aos interesses de uma educação anteriormente definida como emancipadora, capaz de facultar autonomia de pesquisa e, sobretudo, reconhecimento do sujeito no mundo. (CITELLI, 2010, p. 80)

#### **4. A aplicabilidade da comunicação em metodologias pedagógicas ativas**

A partir de tal reflexão teórica viu-se necessária a realização da análise de um modelo específico que aplicasse em seu currículo métodos que valorizassem a

---

comunicação. Portanto para ilustrar os aspectos discutidos anteriormente foi realizada uma pesquisa qualitativa com alunos e professores da faculdade de medicina do UNIPAM (Centro Universitário de Patos de Minas). Uma instituição privada de ensino superior do interior de Minas Gerais que aplica uma *metodologia ativa*<sup>10</sup> em suas aulas e possui em sua grade horária disciplinas que visam o aprimoramento das habilidades comunicacionais dos estudantes e também.

#### 4.1. A metodologia PBL

O método utilizado pelo UNIPAM é o PBL (*Problem Based Learning*), ou seja, Aprendizagem Baseada em Problemas. Tal método tem se destacado especialmente entre os educadores de faculdades de medicina por apresentar aos alunos os benefícios do desenvolvimento da comunicação para a profissão desde as primeiras aulas. Resumidamente o método funciona da seguinte forma: o aluno estuda previamente e individualmente o assunto da tutoria<sup>11</sup>, já focando em suas dúvidas e dificuldades. Na tutoria um problema é apresentado pelo professor e os estudantes reunidos pequenos grupos discutem sobre. Buscando solucioná-lo através de inúmeras discussões e momentos de estudo individuais que ocorrem geralmente no período de uma semana. No total o PBL é dividido em sete passos: Pré-discussão, Definição do problema, Brainstorming, Resumo, Formulação dos objetivos de aprendizado, Busca de informações e Resolução do caso.<sup>12</sup> Todo esse processo é essencialmente conduzido pelos estudantes e ocorre sob a supervisão e auxílio de um professor capacitado. Ao final dessas etapas os alunos são avaliados individualmente e em grupo. Com um *feedback* do professor identificando seus pontos fortes e os que devem ser aprimorados. O estudante se torna então a peça chave dessa metodologia, pois o poder de construir o saber está em suas mãos. Os discentes deixam de somente reproduzir o conhecimento que adquirem para participar ativamente no processo de aprendizagem. Enquanto isso, o professor atua

---

<sup>10</sup> Metodologias ativas são métodos de aprendizagem em que os alunos participam ativamente da elaboração, construção e discussão do conhecimento. Ao contrário dos métodos tradicionais de ensino onde o aluno recebe a informação do professor de forma passiva. Essas maneiras de ensino-aprendizagem onde o aluno é o maior responsável por sua própria aprendizagem foram amplamente possibilitadas especialmente a partir das novas tecnologias de informação (PINTO, 2017).

<sup>11</sup> Nomenclatura das aulas nesse modelo.

<sup>12</sup> Informações obtidas através dos depoimentos dos alunos entrevistados do UNIPAM e pelo vídeo “PBL: um Novo modelo de Aprendizagem - FGV/EESP”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yHmdKTD0SX0>>. Último acesso em 17 de agosto de 2020.

---

como um facilitador do conhecimento, não um detentor da informação. Essa metodologia aumenta também a responsabilidade e autonomia dos alunos, visto que dependem na maioria das vezes de si mesmos para aprender. Além de estimular o trabalho em equipe e a interdisciplinaridade, posto que as aulas não são mais totalmente separadas e distantes uma das outras como no modelo tradicional.

Maura Regina Guimarães Rabelo, atual coordenadora do curso de Medicina do UNIPAM, explica que a escolha da metodologia também se deu a partir do momento que percebeu-se que o conhecimento partir somente do professor não era ideal, uma vez que em pouco tempo essas informações poderiam estar defasadas, fator recorrente na área da saúde.

Além disso percebemos também que havia uma necessidade de acrescentar uma certa criticidade sobre o conhecimento que os alunos estavam obtendo. Antes nós pegávamos informações prontas nos livros e não conseguíamos criticar aquele conteúdo. Hoje percebemos que o conhecimento é dinâmico e pode mudar a qualquer momento<sup>13</sup>.

Sendo uma profissional formada pelo método tradicional a professora percebe grandes diferenças nos modelos de ensino. Como a facilidade que os alunos do método PBL tem em procurar e obter respostas para suas dúvidas no cotidiano e a valorização do conhecimento prévio do estudante. Além de pontuar a necessidade de trabalhar os aspectos comunicacionais no curso:

Nós percebemos que o conhecimento não é suficiente para a competência do profissional. Precisava de algo para além de todos os procedimentos técnicos que o profissional aprende a lidar. Esse trabalho com o relacionamento médico-paciente se viu então necessário, e na metodologia tradicional não tinha isso. O tratamento com paciente vai muito além da prescrição de um medicamento por exemplo. Vimos que é necessário desenvolver um vínculo terapêutico com os pacientes.<sup>14</sup>

Para entender o método PBL e metodologias ativas no geral, alguns pensadores da área da educação são fundamentais, como o francês Joseph Jacotot, o norte-americano John Dewey, o brasileiro Paulo Freire e o italiano Antonio Gramsci. A pedagogia de John Dewey sempre colocou em destaque a união da prática e da teoria. Essa filosofia educacional ficou conhecida como Pragmatismo, que consiste justamente na necessidade da comprovação dos conceitos teóricos a partir da ação. Com isso Dewey buscava um educação integral do aluno e defendia que os estudantes não iam a escola como uma “lousa limpa” na qual os professores iriam simplesmente preenche-los com informações.

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 04 de setembro de 2019.

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 04 de setembro de 2019.

---

Pelo contrário eles já chegavam com conhecimentos ativos no ambiente escolar e com “impulsos inatos – o de comunicar, o de construir, o de indagar e o de expressar-se de forma mais precisa” (DEWEY *apud* WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p.15), uma vez que eles já viriam de casa com saberes e experiências do seu cotidiano. Em seu livro “Leituras sobre as contribuições de John Dewey na filosofia e pedagogia” João Paulo Bastos da Silva explica que a educação para Dewey seria para toda a vida, posto que o indivíduo não estaria se educando para viver em sociedade, mas sim num processo de constante educação. Inclusive ele valorizava a experiência como a forma de construir o processo de ensino-aprendizagem. Para o filósofo a educação seria o resultado dessas experiências que cada um tem ao longo da vida.

Dewey definiu o conceito de educação como sendo o processo de reconstrução e reorganização da experiência do indivíduo na sociedade. Para ele a educação é um fenômeno direto da vida, tão inelutável como a própria vida. A educação transforma o indivíduo e inseri o mesmo no contexto cultural da sociedade. A reorganização da experiência na visão deweyana parte da educação que é a própria reflexão dos atos que são adquiridos e constitui a característica mais particular da vida humana. [...] A instrução e a educação não são os resultados externos da experiência, mas a própria experiência reconstruída e reorganizada mentalmente no curso de sua elaboração. (SILVA, 2018, p.34)

Enquanto Dewey defendia o pragmatismo Joseph Jacotot era ainda mais radical. Sodré (2012) explica que o professor francês, anterior a Dewey, sustenta a teoria de que todos eram capazes de aprender sozinhos. Diferentemente do norte-americano, Jacotot defendia que não havia nem mesmo a necessidade de alguém para orientar ou explicar os conhecimentos para os alunos. Pregando assim a igualdade de inteligência entre os seres humanos e a emancipação intelectual do indivíduo num método que ficou conhecido como “ensino universal”. No qual Jacotot inverte a lógica cartesiana da igualdade, uma vez que para o francês o pensamento “é deslocado de sua condição [cartesiana] de atributo da substância pensante para a condição de atributo da humanidade” (SODRÉ, 2012, p.149). Ou seja “eu sou homem, logo, eu penso”. O francês desenvolveu esse método a partir de uma casualidade, quando percebeu que poderia ensinar francês a estudantes que falavam holandês, mesmo sem saber falar a língua dos alunos. Ao entregar uma versão bilíngue (holandês/francês) do livro a ser estudado aos alunos e perceber que após um tempo de estudo os estudantes chegaram a um resultado bastante satisfatório com relação ao aprendizado da língua francesa.

O método de Dewey dialoga também com os ideais de Paulo Freire. Em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (1987), Freire critica fortemente o modelo tradicional de

---

ensino. Caracterizando-o como uma “educação bancária”, um modelo vertical de ensino no qual o professor, detentor de todo o conhecimento, deposita seu saber no aluno, que funciona como uma espécie de receptáculo da informação. Para ele esse modelo de educação unilateral é extremamente problemático, pois não haveria espaço para questões como a criatividade e independência do aluno, impossibilitando-o de desenvolver seu senso crítico e possuir voz na sala de aula. O que é uma grande perda, uma vez que essas vozes individualizadas contribuem imensamente para a aprendizagem, cada qual com sua herança sociocultural e territorial. Em “Pedagogia da Autonomia” (2002), o educador enfatiza tal posicionamento ao defender um modelo de ensino que permita uma participação mais democrática do aluno nas aulas. Uma vez que a troca de conhecimentos e experiências é válida também partindo do educando, e não somente na direção oposta. Freire em um dos capítulos do livro aponta justamente a necessidade de se aventurar em metodologias diferentes a convencional e novas formas de se pensar a educação. Ele também discorre sobre como “ensinar não é transferir conhecimento”, explicando a necessidade de respeitar a autonomia e identidade de cada estudante. O conhecimento deve se dar a partir de um esforço coletivo do professor e do aluno. Do estímulo do educador ao desenvolvimento do pensamento do estudante e da criação de possibilidades para a construção do saber. O filósofo brasileiro também reforça a importância da figura do professor. Diferentemente de Jacotot, para Freire a figura do educador é essencial.

Por fim, vale fazer um rápido paralelo com o pensamento do filósofo italiano Antonio Gramsci. Visto que esse também conversa com a metodologia aplicada pela UNIPAM e com aspectos discorridos nas ideias dos pensadores acima. De acordo com Gramsci a educação se dá de forma bastante ampla abrangendo processos de aprendizagem dentro e fora do espaço escolar. Em “Gramsci, filosofia e educação” (2013), Marcos Francisco Martins compreende que o filósofo marxista em seu ideal de “escola unitária<sup>15</sup>” prezava por um método que levasse em conta as experiências de cada indivíduo no ambiente escolar, de maneira que colaborasse para o aprendizado de todo o grupo. Ele também ressalta a relevância da figura do educador como uma espécie de mediador do jovem com a sociedade, de maneira a estimular a autonomia intelectual e moral do aluno. “A escola unitária (...) deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na

---

<sup>15</sup> Para Gramsci a educação é política. O modelo do italiano denominado de “escola unitária” teria como objetivo socializar os saberes historicamente produzidos. De modo que todos os indivíduos pudessem adquirir uma maior criticidade e superar o senso comum, que seria uma espécie de conhecimento pré-científico (MARTINS, 2013).

---

atividade social, depois de tê-los elevado a certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a certa autonomia na orientação e na iniciativa.” (GRAMSCI *apud* MARTINS, 2013, p. 32).

#### 4.2 A comunicação na grade curricular

Como já citado anteriormente, o curso de Medicina do UNIPAM reserva uma parte de sua grade curricular para disciplinas que contemplam a comunicação. Além desse tema essas aulas também envolvem outros tópicos inerentes às relações sociais, como os direitos humanos e o estudo da sociedade atual. As aulas de Habilidades Profissionais da Comunicação acontecem nos dois primeiros anos do curso e visam que os futuros médicos da instituição desenvolvam uma comunicação mais efetiva com quem será atendido, melhorando essa relação médico-paciente. Além de também contribuir em outros aspectos de sua vida acadêmica, profissional e pessoal.

No início, as aulas têm o foco na importância da comunicação e em seus diferentes tipos (verbal/não verbal) dentro de um consultório. Essas disciplinas abrangem uma gama de aulas teóricas que aborda diversos temas, desde consultas de rotina até mesmo como lidar com situações como atendimento a vítimas de violência sexual ou dar notícias de doenças graves e terminais. Ou seja, como passar ao paciente informações que possam gerar um grande desconforto e como se preparar que esse desconforto seja o menor possível. A professora Natalia Amâncio, responsável por ministrar esse componente curricular do curso explica que o objetivo dessas aulas é despertar no aluno a necessidade de uma relação e comunicação efetiva com os futuros pacientes. Ela conta que eles trabalham conceitos como os de comunicação agressiva, passiva e assertiva. Sendo esta última a ideal para os futuros profissionais da saúde, uma vez que busca o equilíbrio nas tomadas de decisões. “Antigamente os pacientes eram tratados como um número, ou uma doença. Essas habilidades ensinam os alunos a mudarem essa situação.”<sup>16</sup>

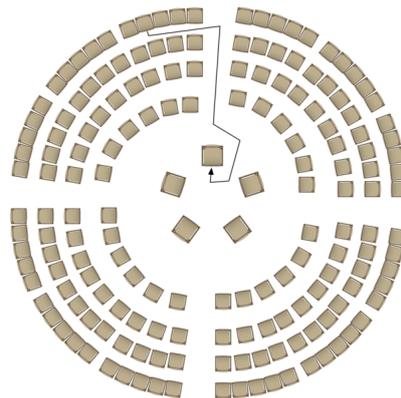
Para que esse resultado seja alcançado a professora explica que existem inúmeras ferramentas com as quais ela trabalha com os estudantes. Como os *Roleplays*, que são a simulação de inúmeras situações que podem ocorrer no cotidiano de um profissional da saúde. Nessas aulas são atribuídos aos alunos papéis que representam situações reais do

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

dia-a-dia dos futuros médicos. Alguns fazem os papéis de pacientes, e outros, médicos, e ao final da simulação um terceiro aluno dá um feedback sobre a “consulta”. Enquanto o professor observa de fora e supervisiona as simulações. Essa dramatização também visa o aprimoramento das capacidades comunicativas no exercício da profissão. Além dos *Roleplays* outra fórmula utilizada nessas aulas é o modelo *Fishball* de dar aula, também conhecido como metodologia aquário. Que consiste na formação de no mínimo dois círculos em uma sala, um dentro do outro. O menor com cinco cadeiras, composto por quatro estudantes (uma das cadeiras fica sempre vaga), de modo que os demais alunos fiquem sentados ao redor deste. Os que estão no círculo menor devem discutir sobre uma situação, e para que alguém de fora desse círculo possa falar e contribuir para a discussão, uma das pessoas tem que sair.

**Figura 1: Ilustração do modelo de *fishball***



Fonte: Agiles Trend Br<sup>17</sup>

A professora Natalia afirma que a partir desse trabalho o vínculo médico-paciente aumentou. Os alunos saem formados como profissionais mais humanizados e com uma facilidade de se comunicar muito maior deixando o caminho profissional muito mais tranquilo do que poderia ser. Ela percebe, enquanto uma profissional formada num método tradicional de ensino, o quanto esse modelo convencional é mais limitado. Por outro lado a metodologia ativa utilizada pela faculdade impõe menos restrição e menos fronteiras para o conhecimento.

Além de entrevistas com membros do corpo docente da faculdade, também foi realizada uma pesquisa qualitativa com alunos do curso. Onde os aspectos

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://agilestrendsbr.com/fishbowls/>>. Último acesso em: 23 de setembro de 2019.

comunicacionais, o método PBL e a aplicação de metodologias ativas também foram os pontos principais das conversas. O aluno do 10º período de medicina do UNIPAM Marcelo José de Souza reforça o aspecto de que os primeiros anos do curso são totalmente voltados para a comunicação, seja nas aulas específicas de Habilidades da Comunicação, seja nas tutorias que o método PBL proporciona. No início do curso, Marcelo conta que era mais tímido, diferentemente de outros colegas que já tinham uma experiência maior e possuíam uma comunicação mais articulada. No entanto com o decorrer dos períodos ele percebeu que suas habilidades comunicacionais foram melhorando consideravelmente. Ele confirma que todas essas abordagens culminam num profissional mais preparado para lidar com as situações mais adversas e extremamente delicadas com as quais profissionais da saúde tem que enfrentar a todo tempo. Marcelo também faz uma comparação com as gerações de médicos anteriores a dele. Explicando que a comunicação tem se tornado extremamente importante, uma vez que atualmente os alunos que passam por essa formação sabem encarar melhor esses episódios complexos que médicos já formados há muitos anos.

Nós vemos o tempo todo médicos mais velhos dando diagnósticos pesados sem preparar o paciente para receber essas notícias. Até nós [os alunos do curso] ficamos chocados com a maneira que eles dão alguns diagnósticos para certos pacientes, coisas sérias como câncer, ou uma expectativa de vida baixa.<sup>18</sup>

Toda essa preparação emocional com os pacientes é importante já que essas atitudes podem deixar os pacientes totalmente traumatizados se dados com essa frieza. Por isso o estudante ressalta a importância desse aprendizado desde o início da graduação.

Outra aluna entrevistada, Isabella Reis Santiago, também do 10º período diz que o maior elogio ao método é com relação a profundidade de estudo que ele permite, uma vez que são os alunos que o estabelecem. Dessa forma o método não limita a capacidade de cada um. Os alunos podem escolher no que aprofundarem os estudos, pesquisando mais em matérias que possuem mais afinidade, por exemplo. O fato de que a relação dos estudantes com os pacientes melhorou durante o percurso universitário foi uma unanimidade nas entrevistas realizadas. Isabella, por exemplo, conta que no início era muito seca e distante em seus atendimentos:

Eu não me importava tanto com a relação que eu possuía com as pessoas que eu estava atendendo. Hoje isso já mudou bastante, uma paciente me pediu inclusive para realizar o parto dela essa semana. A gente acaba aprendendo a cuidar do paciente de maneira integral e a ter mais

<sup>18</sup> Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

---

empatia. A relação médico-paciente é realmente muito importante, e eu não imaginei que fosse tanto, mas na prática isso funciona demais e os resultados positivos são claramente visíveis.<sup>19</sup>

Por outro lado a maior crítica por parte dos alunos entrevistados se dá de fato ao início do curso, devido a dificuldade em estabelecer o método de estudo e de se acostumar com a tutoria. Uma vez que eles vieram de um método tradicional no ensino básico, falta uma noção de suficiência necessária para os temas estudados. Em determinados assuntos não se sabe a quantidade de aprofundamento que seria suficiente para entender um tópico específico. Também foi apontado durante a pesquisa que, mesmo que os tutores estejam presentes para nortear esse estudo, em alguns momentos falta um pouco de orientação e suporte dos professores. Devido a essa liberdade que a metodologia oferece. “Realmente no início isso acaba sendo mais difícil de lidar, e essas dúvidas acabam sendo sanadas nos momentos das provas, assim agora já estamos mais acostumados e sabemos como agir”<sup>20</sup> Explica a estudante Maíra Gabrielle Silva Melo, aluna do 9º período do curso.

É importante ressaltar que todos esses aspectos contemplados pelo método analisado vão além do ambiente acadêmico. Ao se preocupar com isso os educadores visam lançar no mundo profissional um médico que destoe dessa posição distante dos pacientes característica da profissão. Possibilitando uma relação mais engajada com o bem estar por completo do paciente, que inúmeras vezes reclama do atendimento que recebe nos hospitais<sup>21</sup>. O estudante Marcelo José reforça este ponto ao apontar que normalmente os cursos voltados para a área da saúde não costumam se debruçar sobre outras áreas do conhecimento. Como a comunicação ou a reflexão sobre assuntos sociais tangentes ao dia a dia do profissional de sua área. De fato, no modelo tradicional do ensino superior, questões políticas e sociais têm sido colocadas em segundo plano no currículo dos cursos que não tratam dessas questões de maneira direta. Assim os estudantes não são estimulados a desenvolver esse pensamento e conseqüentemente suas habilidades sociais são mais reduzidas. Devido a isso a inclusão de pautas sociais dentro dos cursos superiores, especialmente na área de saúde conhecida pelo elitismo majoritário, faz uma enorme diferença na formação dos futuros profissionais. Como ferramenta essencial para o debate, reflexão e transformação da sociedade contemporânea.

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 05 de setembro de 2019

<sup>20</sup> Entrevista concedida ao autor. Patos de Minas. 06 de setembro de 2019

<sup>21</sup> População reclama de embate entre estado e prefeitura sobre hospitais: 'Queremos um atendimento decente'. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/populacao-reclama-de-embate-entre-estado-prefeitura-sobre-hospitais-queremos-um-atendimento-decente-23990404.html>>. Último acesso em 13 de agosto de 2020.

---

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões, punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber que vai além do saber da pura experiência feita, que leve em conta suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história.<sup>22</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da bibliografia analisada neste artigo percebeu-se uma preocupação existente há alguns anos por parte de pedagogos e comunicólogos em reconhecer a importância da comunicação no meio educativo. Portanto busca-se alterar significativamente suas abordagens teóricas e práticas devido a essa nova necessidade. A educomunicação seria então o caminho que a pedagogia poderia seguir para se adequar a essa sociedade tecnológica e midiática. E construir uma educação que não seja tão somente linear e expositiva, mas libertadora, consciente do próprio processo de ensino-aprendizagem e crítica a coletividade

Ademais o estudo de caso realizado confirmou o que a parte teórica do artigo já enunciava. Com as entrevistas realizadas ficou visível que a combinação da metodologia ativa do PBL com o aprimoramento das habilidades comunicacionais traduz-se num resultado positivo aos estudantes. A disciplina de Habilidades da Comunicação foi a que mais recebeu elogios por parte dos alunos entrevistados. Todos eles apontaram que, para além dos conhecimentos técnicos da medicina, essas aulas são o grande diferencial do curso. Em contrapartida o ponto que poderia ser melhorado diz respeito a transição dos alunos do modelo tradicional para um método alternativo. Uma vez que os estudantes ainda não haviam se acostumaram ao modelo e não sabiam como lidar com muitas questões tangentes ao novo método. Portanto uma abordagem diferente nos meses iniciais, fazendo com que essa transição seja menos conturbada, pode ser mais eficiente.

Por fim entende-se que a principal contribuição deste trabalho se dá na elucidação dos benefícios do diálogo entre a comunicação e pedagogia para fins educacionais. E que

---

<sup>22</sup> Trecho presente no documento “Aos que fazem a educação conosco em São Paulo” da Secretaria Municipal de Educação (SP). Publicado no Diário Oficial do Município de São Paulo em 1 fevereiro de 1989, quando Freire era Secretário de Educação da cidade. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1027>>. Último acesso em: 25 de agosto de 2020.

---

este vínculo pode alterar de forma positiva o ato de educar, contribuindo desde o nível individual até o âmbito social.

## REFERÊNCIAS

ANDRELO, R. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. In: **Revista HISTEDBR On-line**, v. 12, Campinas, p. 139-153, 2012.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação. A linguagem em movimento**. São Paulo, SENAC, 2004.

\_\_\_\_\_. Comunicação e Educação: convergências educomunicativas. In: **Comunicação, mídia e consumo**. Revista do programa de pós-graduação em comunicação da ESPM. v. 7, São Paulo, p. 67-85, 2010.

\_\_\_\_\_. Comunicação e educação: os movimentos do pêndulo. In: **Revista Famecos**, v. 25, Porto Alegre, p. 1-15, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, filosofia e educação. In: **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 13-40, 2013.

PINTO, Diego de Oliveira. **Metodologias Ativas de Aprendizagem: o que são e como aplicá-las**. Blog Lyceum. 2017. Disponível em: <<https://blog.lyceum.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem/>>. Acesso em 13 de agosto de 2020.

SILVA, João Paulo Bastos da. **Leituras sobre as contribuições de John Dewey na filosofia e pedagogia**. Porto Alegre. Editora Fi, 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo, p. 12-24, 2000.

\_\_\_\_\_. Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. (org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: o conceito, a prática, o profissional**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**. Petrópolis: Ed Vozes, 2012.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.